

“AO CORRER DA PENA”: EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO PENSAMENTO DO INTELLECTUAL FRANCISCO LINS

D. S. DOS SANTOS

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-0208-5186>
daisasilva90@hotmail.com

Submetido 12/10/2020 - Aceito 18/12/2020

DOI: 10.15628/holos.2020.11347

RESUMO

Compreender o pensamento de Francisco Lins (1866-1933) quanto à educação profissional é o objetivo deste trabalho. O assunto foi tratado em crônicas do intelectual mineiro, hoje relegado ao esquecimento, mas que outrora destacou-se nas esferas em que atuou. Debruço-me nesta investigação sobre essas produções a fim de entender as ideias que desenvolveu sobre o tema da educação profissional. Trabalho com a perspectiva de Roger Chartier (1990) de que a compreensão de qualquer texto depende da maneira como chega ao leitor. Desse modo, busco entender o uso, a materialidade e o suporte em que os textos circularam. A partir da análise, percebo que, em um

primeiro momento, o interesse do educador era tratar o ensino profissional-agrícola, engajado nas ideias do movimento ruralista, que pregava uma formação para o trabalho e o desenvolvimento do país, considerando-o como "essencialmente agrícola". Posteriormente, inserido no contexto de reformas educativas dos anos 1920, influenciado pelas ideias escolanovistas, pensa a educação profissional associada ao ensino prático das instituições primárias, visando à identificação de aptidões e orientação profissional. Nessa formulação, os professores teriam um papel fundamental, sendo a formação desses profissionais também tratada em seus textos.

PALAVRAS-CHAVE: Viagens, Escola Nova, *Institut Jean-Jacques Rousseau*, crônicas, História da Educação.

“AO CORRER DA PENA”: PROFESSIONAL EDUCATION IN THE THINKING OF INTELLECTUAL FRANCISCO LINS

ABSTRACT

To understand the thought of Francisco Lins (1866-1933) about professional education is the objective of this article. The subject was treated in chronicles of the intellectual from Minas Gerais, today relegated to oblivion, but that once stood out in the spheres in which he acted. I look into this investigation of his productions in order to understand the ideas that he has developed on the subject of professional education. I work with the perspective of Roger Chartier (1990) that the comprehension of any text depends on the way it reaches the reader. In this way, I seek to understand the use, materiality and support in which the texts circulated. From the analysis, I realize that at first the

educator's interest was to deal with professional-agricultural education, engaged in the ideas of the rural movement, which preached training for the work and development of the country, considering it as "essentially agricultural". Subsequently, inserted in the context of educational reforms of the 1920s, was influenced by the Escanovist ideas, thinks the professional education associated with the practical teaching of primary institutions, aiming at identification of skills and professional guidance. In this formulation, teachers would have a fundamental role, and their professional training is also treated in their texts.

KEYWORDS: Travels, School New, *Institut Jean-Jacques Rousseau*, chronicles, Education History.

1 INTRODUÇÃO

Compreender o pensamento de Francisco Lins (1866-1933) quanto à educação profissional é o objetivo deste trabalho. Embora relegado ao esquecimento pela Historiografia da Educação¹, esse intelectual teve intensa atuação nas esferas das letras, do jornalismo e da educação, entre o final do século XIX e início do século XX.

O professor, jornalista e poeta Francisco Lins nasceu em Ubá, Minas Gerais, em 1866, mas foi em Juiz de Fora que passou grande parte da vida, onde se consagrou nas letras e no jornalismo, e faleceu em 1933. Foi membro e fundador da Academia Mineira de Letras (AML), na qual ocupou a cadeira No. 19 e colaborou com diversos jornais da época, tendo sido redator no *Jornal do Comércio* e no *O Pharol*. Adotou uma série de pseudônimos nos quais mantinha as iniciais “F. L.” como uma marca: Fábio Loti, Fábio Laurival, Fábio Lourival, Léo Franck, Lins de França. Ao longo de sua trajetória também publicou alguns livros de poesias e crônicas, foram eles: *Canções da Aurora* (1886), *Harpas das Selvas* (1887), *Versos* (1898), *Borboletas Negras* (1909) e *Uma Campanha pro Hermes-Wenceslau* (1910). No campo da educação, assumiu a reitoria do Externato do Ginásio Mineiro de Barbacena, a Inspeção Técnica de Ensino e exerceu o magistério na Escola Normal Oficial de Juiz de Fora.

Neste trabalho, utilizo como fontes os artigos e as crônicas em que tratou sobre o ensino profissional. Suas produções acerca do assunto foram localizadas em periódicos de grande circulação como: *Correio de Minas*, *O Pharol*, *O Paiz*, *Revista do Ensino* (MG) e *Minas Geraes*. Para trabalhar esses impressos, opero com a perspectiva de Roger Chartier (1990) de que a compreensão de qualquer texto depende da maneira como chega ao leitor, buscando entender o uso, a materialidade e o suporte em que suas produções circularam.

Este estudo é um desdobramento da minha dissertação de mestrado que teve por título “Mais do que ler mil livros: os significados da viagem à Europa na trajetória de Francisco Lins (1911-1917)”. A partir dele, busco lançar luz a um sujeito até então pouco explorado e ao seu pensamento como uma possível porta de entrada para as ideias da Escola Nova no Brasil.

2 EDUCAÇÃO PROFISSIONAL EM CRÔNICAS AOS JORNAIS

No final do século XIX, Francisco Lins escrevia frequentemente nos jornais de Juiz de Fora (MG), mas assim como outros intelectuais da cidade, exercia outras funções além do jornalismo. Tendo em vista o trabalho nos jornais ser considerada uma ocupação ocasional, sem estabilidade e remuneração fixa (Christo, 1994), também atuou como professor. Apesar do exercício do magistério, poucas vezes a educação foi temática nas crônicas que publicava na imprensa.

Conforme Chalhoub et al. (2005), as crônicas ganharam importância central na literatura brasileira, a partir de meados do século XIX, mas, por muito tempo, foram desconsideradas como gênero literário pelo caráter efêmero dos textos curtos que tratavam de assuntos do seu tempo.

¹ Tal esquecimento pode ser constatado em levantamento realizado durante minha pesquisa de mestrado quando investiguei sua viagem à Europa, entre 1911-1917.

Mesmo aqueles que viam seu valor a consideravam menor, como um “tipo ligeiro e desprezioso de literatura, feita às pressas e sem cuidado, para o consumo diário dos jornais” (Chalhoub et al., 2005, p. 12), e somente mais recentemente começaram a receber mais atenção. Ainda que em processo de consolidação até as primeiras décadas do século XX, as crônicas possuíam especificidades: eram escritas com leveza para atrair o leitor, não buscavam espelhar uma realidade, apenas analisá-la e transformá-la (Chalhoub et al., 2005). Além de atingirem diversos grupos sociais, por circularem nos periódicos, principal veículo de comunicação com o grande público e cujas tiragens eram muito maiores em comparação a outras obras impressas, as crônicas eram destinadas

[...] a tornar as folhas mais leves e atraentes, os folhetins de variedades acompanharam o processo de ampliação do público leitor de jornais [...] Ao alargar o horizonte de seus possíveis leitores, proporcionavam aos seus autores prestígio e reconhecimento (Chalhoub et al., p. 18).

Francisco Lins, por vezes adotando pseudônimos, manteve colunas de crônicas nos jornais. Em uma dessas, com o título “Cartas da Roça”, localizei um dos textos que escreveu sobre a educação profissional. Nessa coluna, como o nome já sugere, as crônicas eram apresentadas em formato de correspondência aos leitores do jornal *O Pharol*².

As crônicas foram enviadas por cartas de Piranga (MG) e da Fazenda Espírito Santo³ entre 1891 e 1893, e ganhavam destaque no periódico, sempre ocupando a primeira página. Eram abordados em seus textos assuntos do cotidiano vivido no interior e as notícias que chegavam da região urbana. O título “Cartas da Roça” fazia referência à forma de envio por correspondência, contudo, o autor chamava seus textos de crônicas e, por conta disso, optei em tratá-las como tal.

Em uma dessas crônicas, enviada por missiva da Fazenda do Espírito Santo à redação do jornal em 20 de setembro de 1892 e publicado no dia seguinte, encontrei indícios sobre o pensamento do intelectual quanto à educação profissional. Nesta narrou a visita que realizou à Escola de Agronomia, recém fundada pela Organização Agrícola na região de Benfica e dirigida pelo francês Ch. Seigneuret. Iniciava seu texto afirmando ser incontestável a frase “O Brasil é um país essencialmente agrícola”, mas que essa “verdade” era evitada por muitos para parecerem chiques e originais. Para o cronista, o país não mudou e nem mudaria ainda por séculos, portanto, considerava inútil a tentativa de fazer do Brasil um centro industrial. Acreditava que era necessário “olhar para o solo”, onde facilmente se tirava não apenas o suficiente para comer, mas também para comprar “manufaturados cujo uso nos for aconselhado pela civilização” (*O Pharol*, 21/09/1892, p. 1).

² Fundado em 1866, em Paraíba do Sul (RJ), e transferido para Juiz de Fora em 1870. Na cidade mineira, adquiriu importância pelo longo período de circulação, que se estendeu até 1939, e pelos nomes dos profissionais que atuavam e dirigiam (Kappel, 2019). A propriedade do jornal, que inicialmente era de Tomaz Cameron, mudou diversas vezes. Isso fez com que o periódico sofresse muitas transformações ao longo de sua existência (Esteves, 1915). As alterações foram desde o posicionamento político até a frequência de sua circulação, que era semanal até 1873, passou a ser publicado duas vezes por semana no ano seguinte, três em 1882, até que em 1885 tornou-se diário.

³ No cabeçalho da carta, indicando o local do envio aparece “Espírito Santo”, provavelmente, se referia à fazenda localizada em Benfica (Juiz de Fora) de propriedade da família de sua esposa.

Declarava ter ficado maravilhado com o estabelecimento que possuía laboratório, biblioteca e o “mais perfeito maquinismo para tornar menos difícil e mais proveitosa a lavoura” (*O Pharol*, 21/09/1892, p. 1). Destacava o nome dos professores E. Arnoux e H. Langecook e felicitava a escola por realizar um trabalho mais prático que teórico e por não pretenderem formar apenas engenheiros, doutores, mas preparar o trabalhador para em pouco tempo “lutar pela grande obra da reforma e do aperfeiçoamento do trabalho” (*O Pharol*, 21/09/1892, p. 1).

Dizia ainda que o trabalho realizado na instituição levantaria “a nossa pátria do desanimador abatimento em que faz, tornado-a forte e poderosa”, que “sem dúvida alguma, não ha entre nós um estabelecimento tão necessario, que tanto prometa, como esta nova casa de educação, que vem assignalar o início de uma nova era de prosperidade e de grandeza, no Brasil” e que em breve aquele se tornaria um importante centro de educação e trabalho (*O Pharol*, 21/09/1892, p. 1). Por fim, recomendava que todos que se interessassem pelo progresso da terra a visitassem e que merecia admiração de todos.

Passados alguns anos, Francisco Lins voltou a escrever sobre o tema, agora no jornal *Correio de Minas*. O periódico, criado em maio de 1894 por Estevam de Oliveira, carregava no subtítulo os dizeres que o fundamentavam como “órgão dedicado aos interesses fundamentais do Estado”. O jornal circulou, em Juiz de Fora até 1930, com algumas interrupções ao longo de sua história.

Por ausência de alguns dos números do jornal, tive acesso a apenas uma das cinco crônicas da série que o intelectual escreveu sobre a educação profissional⁴. Nesse texto, que também ganhou destaque na primeira página à esquerda, o autor defendia a fundação de instituições de ensino de artes e ofícios, mantidas pelo governo, nas quais se estabeleceriam um curso prático de agricultura. Considerava importante também difundir os conhecimentos que já existiam na Europa e nos Estados Unidos para a promoção das classes agrícolas. Segundo ele, até em uma República industrial como a França, as escolas de instrução primária públicas davam lições de agricultura, enquanto no Brasil não se falava disso. Naquele momento Francisco Lins considerava que:

[...] das classes agrícolas depende tudo, dellas tudo devemos esperar, mesmo porque, sem duvida alguma, sómente ellas podem, dentro de curto espaço de tempo, vantajosamente levar o nosso paiz ao caminho da prosperidade, trazendo-nos a abundancia, a paz, a ordem (*Correio de Minas*, 20/12/1896, p. 1).

Reafirmava, nesse texto, sua ideia de uma vocação agrícola do Brasil. Para ele, o governo deveria tomar providências e fundar institutos para que a juventude, vista por ele como corrompida pelo ócio e sem valores, tivesse uma educação sólida e útil à pátria. Compreendia essa formação ser uma exigência do final do século, em que havia a necessidade de homens de trabalho, práticos e inteligentes.

Nessas duas crônicas do intelectual são identificadas ideias do movimento ruralista, que nasceu no país a partir do final do século XIX. Construído sobre a representação da crise da

⁴ Faltam essas edições no acervo da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional e também nos arquivos da Biblioteca Municipal Murilo Mendes, em Juiz de Fora.

lavoura, após a abolição da escravidão e como reação à industrialização, o ruralismo foi obra de grupos dominantes agrários e não hegemônicos, ou seja, ligados à agricultura, mas não aos exportadores de café. Embora não homogêneos, unificavam-se em torno de uma base que reafirmava a vocação agrária do Brasil e recusava o exclusivismo do café manifesto na defesa da diversificação agrícola (Mendonça, 1997 citado por Dias, 2014).

No interior das frações secundarizadas no bloco de poder agrário, a adoção da diversificação da população – em oposição à hegemonia do café – foi propalada como saída para a “crise”. A diversificação produtiva e o fomento ao consumo interno de gêneros produzidos foram divulgados como recursos menos vulneráveis às oscilações do mercado internacional (Dias, 2014, p. 59).

Os ruralistas entendiam as atividades agrícolas como verdadeiras produtoras de riquezas e o destino “natural” do Brasil, conforme carregavam na frase “o Brasil é um país essencialmente agrícola” (Dias, 2014, p. 59). Consideravam, assim, que por se tratar de um interesse nacional, o Estado deveria auxiliar a lavoura. Defendiam também o progresso da produção agrícola por meio da modernização dos meios de produção, com a adoção de novos métodos e mecanização. Carregavam ideias anti-industrialistas e anti-urbanas (Nagle, 1974).

Os intelectuais ligados ao movimento ruralista, nas primeiras décadas após a Proclamação da República, também disputaram representações⁵ sobre a educação brasileira. Nesse sentido, houve por parte desse grupo de intelectuais ligados ao movimento ruralista, uma defesa pela ruralização da escola, buscando inserir no ensino o compromisso de desenvolver o país por meio da agricultura e fixar o homem no campo. A “educação ruralizada” deveria conferir sentido aos trabalhos agrícolas e despertar nas crianças o gosto por esse trabalho. A proposta desse grupo era voltada para as escolas primárias rurais, que eram consideradas inadequadas por eles.

Nessas poucas publicações do século XIX em que Francisco Lins escreveu sobre educação, conforme é possível notar, conferiu grande importância ao ensino profissional agrícola. Tanto que, afirmou a necessidade de instituições como a Escola de Agronomia, exaltando o trabalho realizado na formação de pessoas para trabalharem na agricultura, e considerou de interesse nacional a criação de instituições de artes e ofícios voltadas para o ensino prático agrícola. Na apresentação de suas ideias da agricultura como vocação agrícola nacional e única possibilidade de desenvolvimento do país, identifica-se sua proximidade como a ideologia ruralista.

3 VIAGEM À EUROPA E NOVAS IDEIAS

Comissionado pelo governo mineiro para representá-lo na Exposição Internacional de Turim e, em seguida, para estudar e visitar instituições primárias e profissionais na França, Alemanha, Suíça, Bélgica e Itália, Francisco Lins partiu em viagem à Europa em 1911. Essa experiência marcou sua vida, especialmente pelo fato de durante a viagem ter ingressado na primeira turma do *Institut Jean-Jacques Rousseau (IJJR)*. Fundado por Édouard Claparède em 1912,

⁵ Conforme a perspectiva de Chartier (1990), as representações são as formas elaboradas e compartilhadas por determinado grupo para perceber, classificar e atuar sobre a realidade e “embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam” (p. 17).

sob a direção de Pierre Bovet, nos anos seguintes tornou-se um grande centro de referência para os estudos da infância, atraiu educadores de todo o mundo e contribuiu significativamente na difusão das ideias da Escola Nova. No *IJJR* o brasileiro teve contato com o que havia de mais moderno em termos de educação e estabeleceu relações com importantes educadores como Édouard Claparède, Adolphe Ferrière e Helena Antipoff.

Apesar de estar entre suas missões estudar e visitar instituições de ensino profissional, não há informações sobre onde seriam as visitas e se de fato as tenha realizado. Até porque, em 1914, a Europa foi assolada pela Primeira Guerra Mundial, o que levou a interrupção da viagem em dezembro de 1917.

Ao retornar ao Brasil, o intelectual assumiu um papel de destaque no campo da educação mineira, sendo reconhecido como especialista do ensino, nomeado para cargos como a reitoria do Externato do Ginásio Mineiro de Barbacena e a Inspeção Técnica de Ensino. Foi legitimado para discutir as propostas de Reforma do Ensino. A partir de então, a educação passou a aparecer com mais frequência nas produções assinadas pelo intelectual.

Em 1924, Francisco Lins escreveu uma série de artigos ao jornal *O Paiz* com o propósito de tratar o problema da educação nacional e como esse foi solucionado no estrangeiro. Foram ao todo publicados dez artigos entre outubro e dezembro com os seguintes títulos: “O problema da educação”; “A educação, a instrução e o lixo”; “Escolas infantis”; “Grupos escolares”; “Escolas para anormais”; “Escolas primárias superiores”; “Escolas normais”; “Reformas das Escolas Normais”; “Um novo Gymnasio”; “Uma faculdade de ciencias da educação”.

O Paiz foi um importante periódico diário na cidade do Rio de Janeiro, fundado em 1º de outubro de 1884. Em seus primeiros anos, esteve sob a propriedade do comerciante João José dos Reis Júnior e direção de Quintino Bocayúva. Circulou diariamente até 1934, tendo tido a publicação interrompida apenas uma vez, entre 1930 e 1932. Barbosa (2007) afirma que, no início do século XX, *O Paiz* demonstrou lentidão na adoção de recursos gráficos e editoriais, em comparação com outros diários, o que demonstra incompatibilidade e exagero quando utilizavam o *slogan* que dizia ser aquela “a folha de maior tiragem e de maior circulação da América do Sul” (p. 47).

Por longo período, o impresso teve como diretor, e mais tarde proprietário, o português João Lage, compreendido pela historiografia como a típica imagem do jornalista corrupto, que recebia benefícios materiais em troca de posicionamento do jornal e, exercia, assim, um jornalismo situacionista. Segundo Barbosa (2007), sob a administração de Lage que o matutino viveu seu período áureo, justificado pelas relações desse com o poder: “Vivendo das benesses do poder público e do que recebia em troca de apoio explícito aos dirigentes, sejam estaduais, municipais ou nacionais, *O Paiz* constrói sua prosperidade na razão direta de suas ligações com a sociedade política” (Barbosa, 2007, p. 46).

O caráter do jornal ficava evidenciado em seu subtítulo: “Jornal independente, político, literário e noticioso”. Segundo Castilho (2013), desde a fundação, o periódico esteve relacionado à política, além de vários jornalistas terem escrito nele com objetivo de ascender a cargos políticos. O periódico teve de fato seu momento de maior popularidade, no período de direção de

Lage, alimentado pelas desavenças públicas com o concorrente Edmundo Bittencourt, fundador do *Correio da Manhã* (Castilho, 2013, p. 7).

Tendo sempre elogios para os governos de quem recebe claramente apoio sob forma de publicidade, *O Paiz* atravessa toda a década de 1910 envolvido em escândalos, criticando os jornais concorrentes e sendo achincalhado por eles, mas, sobretudo, valendo-se de suas estreitas relações com o poder para continuar se mantendo, apesar de ser cada vez maior a sua distância em termos de crescimento empresarial em relação aos concorrentes (Barbosa, 2007, p. 47).

No período em que Francisco Lins escreveu sua série de artigos, o jornal passava por uma crise que afetou a sua circulação. Isso porque durante o governo de Arthur Bernardes (1922-1926), o impresso teve sua credibilidade questionada pelo apoio ao presidente, que exercia seu pleno poder sob estado de sítio (Castilho, 2013, p. 7). Diante da censura aos jornais de oposição ao governo, *O Paiz* ficou isolado e, conseqüentemente, enfraquecido.

Em seus artigos, o intelectual chegou a tecer elogios ao trabalho de Arthur Bernardes: “Nestes últimos tempos, em Minas, força é confessar, muito séria e proficuamente se tem trabalhado por melhorar o ensino público, e tal se deve aos esforços dos Dr. Arthur Bernardes, Raul Soares e Mello Vianna” (GRUPOS..., *O Paiz*, 23/11/1924, p. 5). Desse modo, as publicações naquele exato momento, possivelmente carregavam uma intenção de apoio e propaganda para o governo, além de promover as ideias de Reforma do Ensino que vinham sendo discutidas em todo o país.

As ideias do educador referentes à educação profissional aparecem diluídas ao longo de seus textos no jornal *O Paiz*. Como no artigo “Um novo Gymnasio” no qual afirma a necessidade de modernizar o ensino secundário no Brasil. Para tanto, conclui que as instituições deveriam remodelar-se para seu ensino corresponder às necessidades reais da vida, de acordo com as exigências daquele momento. Criticava o funcionamento dos ginásios, afirmando que, diferente de seus congêneres da Suíça e da Alemanha, no Brasil esses não eram clássicos, reais ou técnicos, apenas visavam os exames de preparatórios.

Nagle (1974) afirma que, à medida que o ensino técnico profissional ganhava força nas discussões do período, começavam a ser tecidas críticas ao ensino livresco e abstrato. Partem desse ponto, portanto, as críticas de Francisco Lins quando considerava que as escolas secundárias funcionavam como máquinas de fabricação de certificados de exames para a matrícula nos cursos superiores. Como alternativa, defendia a criação de um novo ginásio, e os programas apresentado para esses deveriam abranger aulas de agricultura ou trabalhos manuais todos os dias, esportes, excursões, visitas as fábricas, grandes propriedades agrícolas e estabelecimentos que “observando, puderem aprender alguma coisa” (UM NOVO..., *O Paiz*, 27/12/1924, p. 4). A língua portuguesa seria ensinada visando o uso prático:

Nada de subtilezas de grammatica e de analyse: de uma e de outra, apenas o necessário, rigorosamente, para que aprendam a falar e a escrever com clareza, simplicidade e correção; muitos exercicios praticos, sobretudo; exercicios de direcção, representação de pequeninas comedias; correspondencia, descrições, etc (UM NOVO..., *O Paiz*, 27/12/1924, p. 4).

Do mesmo modo, em seus programas, as matemáticas seriam aplicadas e as ciências físicas e naturais exigiriam constantes trabalhos de laboratório. Quanto às línguas estrangeiras “serão faladas, e far-se-hão também exercícios escritos. Será adoptado o methodo directo, de que por ahi muito se fala, mas que não se applica, ou se applica estupidamente. Tal methodo só póde ser empregado com proveito professores de real competencia” (UM NOVO..., *O Paiz*, 27/12/1924, p. 4). Acrescenta também que nos novos ginásios haveria um curso de datilografia e um de contabilidade agrícola e comercial.

Ao logo dos seus artigos, nos quais propôs elementos para uma reforma na educação nacional, Francisco Lins conferiu aos professores um grande papel no desenvolvimento da reforma. Tanto que ao tratar dos grupos escolares, ele afirmava: “[...] o valor do ensino depende da competência do professor, e não do numero das classes reunidas” (GRUPOS..., *O Paiz*, 23/11/1924, p. 5). Por conta disso, ao longo de seus artigos aparece uma preocupação constante com a necessidade de profissionais qualificados para trabalhem nas instituições reformadas, como quando relata a dificuldade de encontrar professoras para a educação infantil dentro do perfil necessário: “mas, aqui, como descobrir gente capaz de bem dirigir tão formosa instituições? *That is the question*. É mais difficil encontrar boas jardineiras da infancia do que professores para uma universidade” (ESCOLAS INFANTIS, *O Paiz*, 15/11/1924, p. 4). A formação desses profissionais foi tratada em pelo menos três artigos dessa série o que demonstra a grande preocupação do intelectual com a capacitação desses profissionais.

Nos anos seguintes, o tema da educação profissional volta a ser tratado pelo intelectual mineiro em publicações na *Revista do Ensino* e no *Minas Geraes*. Ambos impressos oficiais do Estado de Minas Gerais que desempenharam significativo papel na divulgação das ideias que fomentavam o projeto e as discussões que antecederam a Reforma da Instrução Pública de 1927.

Desse modo, ao folhear a *Revista do Ensino*, os professores das escolas mineiras tinham acesso aos conteúdos pedagógicos que ali circulavam. Entre esses, as ideias que eram trazidas por diversos educadores embasados nos ideais da Escola Nova e promovidas pelo governo para legitimar a Reforma do Ensino em voga. Informava aos professores sobre as novas tendências pedagógicas através de seus artigos e noticiavam também o que estava acontecendo na educação do estado. Esse importante meio de informação utilizado pelo governo nos oferece hoje indícios sobre o papel desempenhado pelo intelectual Francisco Lins naquele contexto.

Em artigo publicado na *Revista do Ensino* com o título “Cem Anos Depois” (*Revista do Ensino*, out. 1927, p. 514), Francisco Lins apresentou a escola moderna, que segundo ele não se conhecia no Brasil, e afirmou que nela os alunos aprendiam uma arte ou ofício com caráter educativo, não profissional. Nesse momento, o intelectual compreende que o objetivo da educação profissional seria revelar as aptidões das crianças. A consideração do educador quanto às aptidões foi uma possível influência da psicologia, que tomou conhecimento enquanto aluno no *Institut Jean-Jacques Rousseau*. Afirmava ainda que a orientação profissional era um problema nacional e que a questão das aptidões tinha importância capital.

Ao suceder Francisco Lins na Academia Mineira de Letras em 1934, Mario Mendes Campos discursou dando destaque a contribuição de Francisco Lins quanto ao tema da orientação profissional, afirmando que:

Francisco Lins foi, ao que saiba, um dos primeiros a ventilar, entre nós, essa questão de relevância utilitária, accentuando a farta e inestimável contribuição que Claparède trouxera a esse sector da educação técnica, que dispõe, hoje de considerável copia de pesquisas e trabalhos.

Lins assignala a importância que os educadores europeus têm dado ao estudo das “*direcções para a escolha duma carreira*”, primitiva designação com que Claparède queria significar o *diagnostico das aptidões técnicas* (Revista da AML, 1934, p. 93).

Entre 1929 e 1930, Francisco Lins escreveu diversas crônicas ao jornal *Minas Geraes*. Em uma delas tratou especificamente do tema com o título de “A orientação profissional” (*Minas Geraes*, 28/06/1930, p. 6). Nesse novo texto, o educador não falou sobre a educação profissional, porém teceu suas impressões sobre a necessidade de considerar as aptidões individuais, atribuindo o insucesso e a infelicidade de alguns a desconsideração de suas vocações. Destacou a importância dos professores para que essas sejam reveladas e para que os educandos recebam orientação segura na vida. Afirmou ainda a importância dos estudos da psicologia experimental na formação desses profissionais, de modo que estudassem e conhecesse bem a criança:

O estudo da psychologia experimental, por isso, occupa lugar importante entre as materias que o educador deve seriamente estudar, de que se deve servir para estudar a creança, fazendo constantes esforços para chegar a conhecê-la bem. Pode-se julgar condenada ao insucesso a obra da educação, si realizada sem que o educando seja plenamente conhecido pelo educador (ORIENTAÇÃO..., *Minas Geraes*, 28/06/1930, p. 6).

Em seguida apresenta os trabalhos desenvolvidos por Édouard Claparède e pelo *Institut Jean-Jacques Rousseau*, em Genebra, sobre diagnóstico das aptidões, e questiona o que o Brasil estaria fazendo nesse sentido.

A partir dessa crônica é possível concluir que a educação pensada por Francisco Lins naquele momento era voltada para a identificação de aptidões “naturais” e que caberia ao professor, com base na psicologia experimental conhecer a criança, identificar sua vocação e orientá-la. A educação só teria sucesso se isso fosse realizado, portanto, ele compreende a educação profissional como central no processo educativo. O intelectual buscava, com isso, promover as ideias que eram desenvolvidas e por ele estudadas no *IJRR*. Há, assim, mudança significativa na produção do intelectual em relação às crônicas analisadas na primeira parte desse artigo, anteriores ao período de sua viagem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a diferença entre as produções anteriores e posteriores a viagem, a partir da análise, noto que, em um primeiro momento, o interesse de Francisco Lins era tratar o ensino profissional-agrícola, envolvido pelas ideias do movimento ruralista que visava uma formação para

o trabalho e desenvolvimento do país considerando-o "essencialmente agrícola". Posteriormente, inserido no contexto de Reformas do Ensino dos anos 1920, influenciado pelas ideias escolanovistas, pensou a educação profissional associada ao ensino prático e visando à identificação de aptidões e orientação profissional. Nessa formulação, os professores teriam um papel fundamental, sendo a formação desses também tematizada pelo intelectual.

A ausência de produções sobre o intelectual mineiro impede uma melhor compreensão das suas contribuições para a educação profissional. Neste trabalho busquei apresentar seu pensamento sobre o assunto, porém não encerra a discussão que ainda carece de muitas investigações.

5 REFERÊNCIAS

- Castilho, M. de S. (2013). "O amigo incondicional de todos os governos": a trajetória de João Lage em O Paiz nos primeiros anos da República. [Apresentação de comunicação Oral]. In *IX Encontro Nacional de História da Mídia (1-13)*. Ouro Preto. Recuperado de: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-do-jornalismo/201co-amigo-incondicional-de-todos-os-governos201d-a-trajetoria-de-joao-lage-em-o-paiz-nos-primeiros-anos-da-republica>.
- Christo, M. de C. V. (1994). *A "Europa dos pobres": Juiz de Fora na Belle-Époque mineira*. EDUFJF.
- Barbosa, M. (2007). *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Mauad X.
- Chalhoub, S. et al. (2005). Apresentação. In S. Chalhoub et al.. (Ed.), *História em Causas Miúdas: capítulo de História Social da crônica no Brasil*. 11-22. Editora Unicamp.
- Chartier, R. (1990). *A História Cultural: entre práticas e representações*. DIFEL.
- Dias, A. (2014). *Entre laranjas e letras: processos de escolarização no distrito-sede de Nova Iguaçu (1916-1950)*. Quarter: Faperj.
- Esteves, A. (1915). *Álbum do Município de Juiz de Fora*. Imprensa Oficial do Estado de Minas.
- Kappel, M. N. (2019). *Literatos, Jornalistas e Inspetores de ensino: Perspectivas modernizadoras para a cidade de Juiz de Fora (1896-1910)* (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE-UFRJ). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Recuperado de: <https://ppge.educacao.ufrj.br/teses2019/tMarilia%20Neto%20Kappel.pdf>.
- Lins, F. (1927). Cem anos depois, *Revista do Ensino*, No. 23, out. 1927. <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/>.
- Lins, F. Escolas Infantis, *O Paiz*, 15/11/ 1924, 4. <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.
- Lins, F. Grupos escolares, *O Paiz*, 23/11/1924, 5. <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.
- Lins, F. Um novo Gymnasio, *O Paiz*, 27/12/1924, 4. <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.

Lins, F. Ensino Profissional V. *Correio de Minas*, 20/12/1896, 1.
<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.

Lins, F. Cartas da Roça, *O Pharol*, 21 de setembro de 1892, 1.
<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.

Lins, F. Orientação Profissional. *Minas Geraes*, 28/06/1930, 6.

Mario Mendes Campos. Discurso de Posse na cadeira No. 19 da AML. *Revista da Academia Mineira de Letras*. Volume XV, 1934.

Nagle, J. (1974). *Educação e sociedade na Primeira República*. EPU.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

Santos, D. S. dos “Ao correr da pena”: Educação Profissional no pensamento do intelectual Francisco Lins. (2020). *Holos*. 36(8), 1-11.

SOBRE OS AUTORES

D. S. DOS SANTOS

Professora da Prefeitura Municipal de Duque de Caxias. Mestra em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PROPED/UERJ).

E-mail: daisasilva90@hotmail.com

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-0208-5186>

Editor(a) Responsável: Francinaide de Lima Silva Nascimento

Pareceristas Ad Hoc: Olívia Medeiros Neta e Sara Amorim

